

ROBERTO MACEDO

Brasil

Enquanto isso, a economia cresce

Es t a m o s s passando por uma fase de notícias ruins, que dominam as manchetes. Algumas surgiadas aqui dentro mesmo, como a crise política em Brasília, o desastre com a plataforma da Petrobrás, a ameaça de racionamento de energia e de água e até um surto de dengue.

Outras vieram de fora, e repercutem no País, como o esfriamento da economia dos EUA, o despençar das bolsas de valores lá e em outros países, a crise na Argentina ou mesmo mais longe, na Turquia, trazendo, entre outras consequências, uma inquietação no mercado cambial. No jogo internacional, o País chegou a ser taxado de hospedeiro da vaca louca, mas o desenlace do caso até serve de exemplo. São problemas para ser enfrentados e resolvidos. O exagero nas lâmúrias prejudica essa linha, porque retira dela tempo e esforços indispensáveis.

E mais: é preciso refletir sobre o que se passa, pois o exagero nos problemas, muitas vezes sem mostrar atenuantes ou tudo o que prossegue normalmente, causa danos ao ânimo pessoal e coletivo. Aliás, os economistas enfatizam muito o papel das expectativas. Se predominam as negativas, reflui o ânimo de investidores e consumidores, que reduzem sua demanda de bens e serviços, o que prejudica a atividade econômica.

Vamos a alguns exageros. Nossa bolsa de valores parece seguir as de Nova York no movimento de suas cotações. Vale lembrar, entretanto, que a economia de lá está esfriando e a daqui, se acelerando. Os lucros das empresas nacionais vêm crescendo. Por que o preço de suas ações tem de cair? No mercado de capitais, há quem diga que um macaco jogando dardos acerta tanto quanto os que se empenham



Podemos até crescer um pouco menos, mas o relevante é que saímos do buraco...

em selecionar as ações vencedoras. Aqui podemos dispensar o macaco, pois basta a macaqueice de imitar, nos pregões daqui, o que se passa lá.

Muitos argumentam que o esfriamento da economia dos EUA prejudicará nossas exportações e, assim, os resultados de nossas empresas. Isso é só um pedaço da história. Há aten-

nuantes e mesmo fatores que apontam noutra direção. Nossas empresas vendem só um pouco para aquele país. Se lá esfriar, suas autoridades deverão reduzir os juros – aliás, anteontem já os reduziram em 0,5% –, o que diminuirá o custo da nossa dívida externa. Além disso, ao esfriarem, absorverão menos recursos de investidores externos. Assim, sobrarão mais recursos para o Brasil, que continua atraente para os investidores, exceto talvez para brasileiros psicóticos, ligados a outras realidades. Outro efeito poderá ser a desvalorização do dólar internacionalmente. Como estamos ligados a ele, ficaremos mais competitivos.

E há outras atenuantes. Mesmo com a plataforma acidentada afundada, notícias menores dão conta de que a Petrobrás tem uma outra que pode entrar em funcionamen-

to rapidamente, aliviando os prejuízos da empresa e a necessidade de maiores importações de petróleo. Se houver rationamento de energia ou de água, muito desperdício será contido, pois nossos hábitos são mais nessa linha do que na da escassez. Se a crise da Argentina se agravar, é bom lembrar que crises mais fortes costumam precipitar soluções mais definitivas. Estas, os argentinos vêm protelando há muito tempo, como a de deixar esses dois enfadonhos tangos, um que canta um filho desaparecido, o ajuste fiscal, e outro que fala de uma amante que custa caro, a paridade cambial.

E se a turbulência cambial se agravar? Pode até acontecer, mas nada como o que aconteceu do final de 1998 até o início de 1999. Nessa ocasião, deixaram o País dezenas de bilhões de dólares de capitais predadores, que por aqui só passaram para pegar os altíssimos juros que o País, dando uma de trouxa, pagava para sustentar sua própria amante. Esta era parente próxima da paridade argentina, só que menos problemática, disposta a aceitar US\$ 0,80 por real, e que tampouco reclamou muito quando passou a levar só US\$ 0,50.

Não nego que haja problemas, mas nada comparável aos que tínhamos uns três anos atrás, quando a economia não crescia, emperrada que estava pelo câmbio errado e pelos juros exageradamente altos. E, ainda, pelos

sucessivos pacotes econômicos que, sem sucesso, procuravam isolar o País da vulnerabilidade a que se expôs com o chamado populismo cambial, ficando a depender dos referidos capitais de curto prazo para sustentá-lo.

Esses capitais se foram, mas o Brasil continua, ainda que em menor grau, vulnerável a ventos como esses que vêm da Argentina ou da Turquia, com um déficit nas suas contas externas que o mantém dependente de outros fluxos de recursos externos, não só para fechar as contas correntes, mas também para rolar a sua dívida externa.

Nessa esfera econômica, portanto, as melhores energias do País devem-se concentrar em duas frentes. A primeira, a da preservação e fortalecimento do ajuste fiscal e da disciplina monetária, protegendo-os da sanha de inimigos internos, em particular dos políticos gastadores, até mesmo porque crises políticas costumam ser resolvidas pela via do Orçamento. A segunda é a da redução da vulnerabilidade externa, por meio de um forte aumento das exportações e, quando eficiente, da produção local substitutiva de importações.

Na segunda-feira, chamou-me a atenção ver na televisão um analista financeiro de prestígio, brasileiro que trabalha no exterior, a fazer suas previsões, com o semblante carregado de quem anuncia um desastre. Mas disse ele que, tudo ponderado no momento, a taxa de crescimento do PIB em 2001 poderá cair de 4,5% para 4%. Ou seja, podemos até crescer um pouco menos, mas o relevante é que saímos do buraco e estamos crescendo, pois o que se discutia até há pouco tempo era quanto o PIB iria cair.

Naquela época, enfatizava-se a queda. Hoje, no meio das notícias ruins, o aumento, como notícia boa, ou não aparece, ou fica em segundo plano.

